



JÚLIO VERNE



DA  
TERRA  
À  
LUA



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês

*De la Terre à la Lune*

Texto

Júlio Verne

Tradução

Frank de Oliveira

Preparação

Flávia Yacubian

Revisão

Eliel Cunha

Produção editorial e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Mott Jordan/Shutterstock.com;

donatas1205/Shutterstock.com;

Theus/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531d Verne, Júlio

Da Terra à Lua [recurso eletrônico] / Júlio Verne ; traduzido por Frank Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; ePUB ; 3,7 MB. - (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: De la Terre à la Lune

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-269-3 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Ficção. I. Oliveira, Frank. II. Título. III. Série.

2021-78

CDD 028.5  
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira



# O Clube do Canhão

Durante a Guerra de Secessão dos Estados Unidos, um novo clube, muito influente, foi fundado na cidade de Baltimore, Maryland. Bem se sabe com que energia o instinto militar se desenvolveu no seio desse povo de armadores, comerciantes e industriais. De simples balconistas, improvisaram-se capitães, coronéis e generais, sem passar pela escola militar de West-Point; não tardaram a igualar, na “arte da guerra”, seus colegas do Velho Continente e, como estes, obtiveram vitórias à força de prodigalizar balas, dólares e homens.

Mas se em algo os americanos superaram notoriamente os europeus foi na ciência da balística. Não que suas armas atingissem um grau mais elevado de perfeição: apenas tinham dimensões inusitadas e, conseqüentemente, alcances desconhecidos até então. Em matéria de tiros rasantes, parabólicos, frontais, transversais, sucessivos ou de revés, ingleses, franceses e prussianos já nada têm a aprender; mas seus canhões, obuses e morteiros não passam de pistolas de bolso em comparação com os formidáveis engenhos da artilharia americana.

Mas que ninguém se espante. Os ianques, esses primeiros mecânicos do mundo, são engenheiros, como os italianos são músicos e os alemães, metafísicos: nascem assim. Nada mais natural, então, que apliquem à ciência da balística sua audaciosa engenhosidade. Daí esses canhões gigantescos, bem menos úteis que as máquinas de costura, mas igualmente espantosos e ainda mais admirados. Conhecem-se, nessa área,



as maravilhas de Parrott, de Dahlgren, de Rodman. Os Armstrong, os Pallisser e os Treuille de Beaulieu foram obrigados a se inclinar diante de seus rivais de além-mar.

Portanto, durante a terrível luta entre nortistas e sulistas, os artilheiros foram a cereja do bolo; os jornais da União celebravam seus inventos com entusiasmo e não havia pequeno comerciante, não havia *booby* (ignorante) ingênuo que não quebrasse a cabeça, dia e noite, calculando trajetórias malucas.

Ora, quando um americano tem uma ideia, procura logo outro americano com quem partilhá-la. Quando chegam a três, elegem um presidente e dois secretários. Se já são quatro, nomeiam um arquivista e a sociedade passa a funcionar. Cinco? Convocam uma assembleia geral e o clube está fundado. Foi o que aconteceu em Baltimore. O primeiro que inventou um canhão se associou ao primeiro que o fundiu e ao primeiro que o forjou. Nasceu assim o Gun Club, o Clube do Canhão. Um mês depois, contava com 1.833 membros efetivos e 30.575 membros correspondentes.

Condição *sine qua non* imposta a toda pessoa que quisesse entrar para o clube: ela devia ter projetado ou, pelo menos, aperfeiçoado um canhão (à falta de canhão, qualquer arma de fogo servia). Mas, convém dizer a verdade, os inventores de revólveres de quinze tiros, de carabinas giratórias ou de sabres-pistolas não gozavam de grande consideração. Quem tinha a primazia eram sempre os artilheiros.

“A estima que angariam”, disse certa vez um dos oradores mais sábios do Gun Club, “é proporcional às massas de seu canhão e está na razão direta do quadrado das distâncias alcançadas por seus projéteis!”

Mais um pouco e a lei da gravitação universal de Newton seria transposta para a ordem moral.

Fundado o Gun Club, adivinha-se com facilidade o que o gênio inventivo dos americanos produziu nesse gênero. Os engenhos de guerra assumiram proporções colossais, e os projéteis iam, para além dos limites permitidos, cortar em dois os transeuntes inofensivos. Todas essas invenções deixavam bem para trás os tímidos instrumentos da artilharia

européia. Basta lançar os olhos para as estatísticas seguintes.

Outrora, “nos bons tempos”, uma bala de 36 milímetros atravessava, a uma distância de 90 metros, 36 cavalos de lado e 68 homens. Era a infância da arte. Desde então, os projéteis evoluíram muito. O canhão Rodman, que arremessava a mais de 11 quilômetros uma bala de 500 quilos, teria derrubado facilmente 150 cavalos e 300 homens. Chegou--se mesmo a discutir, no Gun Club, a possibilidade de um teste oficial. Mas, se os cavalos nada disseram contra a experiência, os homens infelizmente não aceitaram participar.

Como quer que seja, o efeito desses canhões era mortífero e, a cada descarga, os combatentes tombavam como espigas sob a foice. Significariam alguma coisa, em comparação com tais projéteis, a famosa bala que, em Coutras, em 1587, pôs 25 homens fora de combate, aquela que, em Zorndoff, em 1758, matou 40 cavaleiros ou o canhão austríaco de Kesselsdorf que, em 1742, lançava por terra, a cada disparo, 70 inimigos? Seriam mesmo surpreendentes as bocas de fogo de Iena ou Austerlitz, que decidiam a sorte das batalhas? Outras bem diferentes se viram durante a Guerra de Secessão! No combate de Gettysburg, um projétil cônico, lançado por um canhão raiado, atingiu nada menos que 173 sulistas; e, na passagem do Potomac, uma bala Rodman mandou 215 confederados para um mundo evidentemente melhor. Convém mencionar ainda um formidável morteiro concebido por J.-T. Maston, membro distinto e secretário perpétuo do Gun Club, cujo resultado foi mortífero às avessas, pois, no teste, matou 337 pessoas – ao explodir! É verdade!

Cabe acrescentar mais alguma coisa a esses números que falam por si mesmos? Nada. Por isso, temos de admitir sem contestação o cálculo seguinte, feito pelo estatístico Pitcairn: dividindo-se o número de vítimas das balas pelo dos membros do Gun Club, conclui-se que cada um destes matou por sua própria conta uma “média” de 2.375 homens e uma fração.

Diante dessas cifras, torna-se evidente que a única preocupação de uma sociedade tão sábia era o fim da humanidade com objetivo filantrópico,



sendo os aperfeiçoamentos das armas de guerra considerados veículos civilizatórios.

Era uma legião de Anjos Exterminadores – de resto, tidos como as melhores pessoas do mundo.

Convém acrescentar que esses ianques, bravos a não poder mais, iam além das fórmulas e procuravam concretizá-las. Viam-se entre eles oficiais das mais variadas patentes – tenentes, generais, militares de todas as idades, aqueles que se iniciavam na carreira das armas e aqueles que nela haviam envelhecido. Muitos, tombados no campo de batalha, tiveram seus nomes incluídos no livro de honra do Gun Club; e os que voltaram trouxeram as marcas da coragem indiscutível. Muletas, pernas de pau, mãos e braços mecânicos, mandíbulas de borracha, crânios de prata, narizes de platina... não faltava nada à coleção. O já citado Pitcairn chegou mesmo a calcular que, no Gun Club, havia no máximo um braço para quatro pessoas e apenas duas pernas para seis.

Mas esses valentes artilheiros não ligavam para tais ninharias e se sentiam justificadamente orgulhosos quando o boletim de uma batalha mostrava um número de vítimas dez vezes maior que a quantidade de projéteis disparados.

Um belo dia, porém – dia triste, lamentável –, a paz foi assinada pelos sobreviventes da guerra. As detonações cessaram pouco a pouco, os morteiros silenciaram, os obuses foram amordaçados por tempo indeterminado, os canhões reentraram de cabeça baixa nos arsenais, as balas se amontoaram nos depósitos de munições, as lembranças sangrentas se diluíram, os algodoeiros cresceram magnificamente nos campos muito bem adubados, as roupas de luto sumiram juntamente com as dores e o Gun Club mergulhou numa apatia profunda.

É verdade que alguns teimosos, trabalhadores encarniçados, continuaram fazendo cálculos de balística e sonhando com bombas gigantescas, obuses incomparáveis... Mas, sem a prática, de que vale a teoria? Assim, as salas ficavam desertas, os criados dormiam nas antecâmaras, os jornais emboloravam nas mesas, os cantos obscuros ecoavam gemidos tristonhos e os membros do Gun Club, outrora tão

falantes, agora reduzidos ao silêncio por uma paz desastrosa, deixavam-se embalar pelos devaneios da artilharia platônica!

– É desolador – suspirou um dia o bravo Tom Hunter, enquanto suas pernas de pau se cobriam de fuligem diante da lareira da sala dos fumantes. – Nada a fazer! Nada a esperar! Que existência monótona! Onde estão os tempos em que o canhão nos acordava todas as manhãs com suas alegres detonações?

– Esses tempos se foram – respondeu o corajoso Bilsby, tentando estirar os braços que já não tinha. – Aquilo, sim, era prazer! Inventávamos nosso obus e, mal ele era fundido, corríamos a experimentá-lo contra o inimigo! Depois, regressávamos ao acampamento, onde éramos recebidos com um incentivo de Sherman ou um aperto de mão de MacClellan! E hoje? Os generais voltaram para suas lojas e, em vez de projéteis, vendem fardos de algodão! Ah, por Santa Bárbara, a artilharia não tem mais futuro na América!

– Sim, Bilsby – lamentou o coronel Blomsberry –, são cruéis decepções! Deixamos nossos hábitos tranquilos, treinamos o manejo das armas, saímos de Baltimore para os campos de batalha, tornamo-nos heróis; e dois, três anos mais tarde tivemos de renunciar ao fruto de tantas fadigas, adormecer numa deplorável ociosidade e ficar de mãos nos bolsos.

Mas, dissesse o que dissesse, o bravo coronel não poderia falar em bolsos para exemplificar sua inatividade, pois não eram bolsos que lhe faltavam.

– E nenhuma guerra em perspectiva! – disse então o famoso J.-T. Maston, coçando com seu gancho de ferro o crânio de guta-percha. – Nenhuma nuvem no horizonte justamente quando há tanto a fazer na ciência da artilharia! Eu mesmo, esta manhã, terminei um desenho, com plano, perfil e elevação, de um morteiro fadado a alterar completamente as leis da guerra!

– Verdade? – interessou-se Tom Hunter, pensando involuntariamente no último teste do honrado J.-T. Maston.

– Verdade – respondeu este. – Mas de que servirão tantos estudos



levados a bom termo, tantas dificuldades vencidas? Não será isso trabalhar inutilmente? Os povos do Novo Mundo parecem ter decidido viver em paz, e nosso belicoso *Tribune*<sup>1</sup> chegou a prognosticar catástrofes iminentes devidas ao aumento escandaloso das populações!

– E, enquanto isso, Maston – prosseguiu o coronel Blomsberry –, na Europa estão lutando para defender o princípio das nacionalidades!

– E daí?

– Daí que, talvez, possamos tentar alguma coisa por lá, caso solicitem nossos serviços...

– Como assim? – alterou-se Bilsby. – Fazer balística em proveito de estrangeiros?

– Melhor que não fazer nada – replicou o coronel.

– Sem dúvida – concordou J.-T. Maston –, é melhor. Mas nem vale a pena pensar nisso.

– Por quê? – perguntou o coronel.

– Porque, no Velho Mundo, eles têm ideias sobre o progresso que contrariam nossos hábitos americanos. Não aceitam que alguém possa se tornar general sem ter sido subtenente, o que equivale a dizer que um bom artilheiro precisa fundir, ele mesmo, o canhão! Ora, isso é simplesmente...

– Absurdo! – bradou Tom Hunter, rasgando o braço de sua poltrona a golpes de *bowie-knife*<sup>2</sup>. – E do jeito que vão as coisas, só nos resta plantar tabaco ou purificar óleo de baleia!

– Mas, então – gritou J.-T. Maston com voz retumbante –, passaremos os últimos anos de nossas vidas sem aperfeiçoar armas de fogo? Não teremos mais a oportunidade de testar o alcance de nossos projéteis? A atmosfera não voltará a se iluminar com o clarão de nossos canhões? Não surgirá uma dificuldade internacional que nos permita declarar guerra a alguma potência transatlântica? Os franceses não afundarão pelo menos um de nossos vapores, e os ingleses não enforcarão, contrariando os direitos humanos, três ou quatro conterrâneos nossos?

– Não, Maston, essa felicidade não teremos! – respondeu o coronel Blomsberry. – Não ocorrerá nenhum desses incidentes e, mesmo que



ocorresse, não saberíamos aproveitá-lo. A suscetibilidade americana vai desaparecendo a olhos vistos e nós vamos nos encolhendo!

– Sim, nós nos humilhamos! – rugiu Bilsby.

– E somos humilhados! – acrescentou Tom Hunter.

– Nunca vi verdade tão sólida – disse J.-T. Maston, com mais veemência ainda. – Há por aí milhares de razões para combatermos e não combatemos! Economizamos braços e pernas em proveito de gente que não sabe o que fazer deles! E, sem precisar ir mais longe para encontrar um motivo de guerra, a América do Norte já não pertenceu aos ingleses?

– Já – rosnou Tom Hunter, atirando raivosamente as brasas da lareira com a ponta de sua muleta.

– Aí está! – continuou J.-T. Maston. – Por que então a Inglaterra não pode agora pertencer aos americanos?

– Seria muito justo – disse o coronel Blomsberry.

– Mas tentem propor isso ao presidente dos Estados Unidos! – desdenhou J.-T. Maston. – Verão como ele os receberá!

– Receberá mal – murmurou Bilsby entre os quatro dentes que sobraram do combate.

– Por minha fé! – ameaçou J.-T. Maston. – Nas próximas eleições, que ele não conte com meu voto!

– E que não conte também com os nossos – replicaram em coro aqueles belicosos inválidos.

– Enquanto isso – prosseguiu J.-T. Maston –, e para concluir, se não me dão a oportunidade de testar meu novo morteiro num verdadeiro campo de batalha, demito-me do Gun Club e corro a me enterrar nas savanas do Arkansas!

– Nós o seguiremos – garantiram veementemente os interlocutores do audacioso J.-T. Maston.

Estavam nisso as coisas, com os espíritos se exaltando cada vez mais e o clube sob ameaça de dissolução próxima, quando um acontecimento inesperado acabou por impedir essa indesejável catástrofe.

Logo no dia seguinte à conversa que transcrevemos acima, cada membro do clube recebeu uma circular nestes termos:

*Baltimore, 3 de outubro.*

*O presidente do Gun Club tem a honra de informar seus colegas de que na sessão do dia 5 do corrente mês lhes fará um comunicado de seu maior interesse. Em consequência, pede-lhes que suspendam quaisquer outros compromissos e atendam ao convite feito na presente.*

*Cordialmente,*

*Impey Barbicane, presidente do Gun Club*

O mais combativo jornal abolicionista da União. (N.O.)

Canivete de lâmina larga. (N.O.)





# Comunicação do presidente Barbicanne

No dia 5 de outubro, às oito horas da noite, uma multidão compacta se espremia nos salões do Gun Club, Union-Square, número 21. Todos os membros do círculo que residiam em Baltimore haviam aceitado o convite do senhor Barbicanne. Quanto aos membros correspondentes, os trens os desembarcavam às centenas nas ruas da cidade e, por maior que fosse o salão nobre, essa massa de cientistas não pudera encontrar lugar; por isso, inundava as salas vizinhas, os fundos dos corredores e até os pátios externos. Ali, esbarrava com os simples populares, que se comprimiam nas portas, cada qual querendo ganhar as fileiras da frente, todos ávidos por ouvir a importante comunicação do presidente Barbicanne. Empurravam-se, atropelavam-se, esmagavam-se com aquela liberdade de ação típica das massas educadas nas ideias do “*self government*”<sup>3</sup>.

Naquela noite, um estranho que se achasse em Baltimore não teria conseguido, nem a peso de ouro, penetrar no salão, reservado exclusivamente aos membros residentes ou correspondentes. Ninguém mais poderia entrar, e os notáveis da cidade, os magistrados do conselho dos *selectmen*<sup>4</sup>, tiveram de se misturar à multidão de seus administrados para ficar sabendo do que se passava lá dentro.

O imenso salão oferecia aos olhares um curioso espetáculo. O vasto

recinto era maravilhosamente apropriado a seu objetivo. Colunas altas, formadas de canhões superpostos aos quais grossos morteiros serviam de base, sustentavam as elegantes estruturas da abóbada, verdadeiros rendilhados de ferro fundido. Panóplias de bacamartes, arcabuzes, carabinas, de todas as armas de fogo antigas e modernas se entrelaçavam pitorescamente nas paredes. A luz do gás era furiosamente projetada por um milhar de revólveres agrupados em forma de lustres, enquanto girândolas de pistolas e candelabros feitos de fuzis reunidos em feixes completavam essa esplêndida iluminação. Os modelos de canhões, as amostras de bronze, os alvos crivados de balas, as placas amassadas pelos tiros do Gun Club, as coleções de tacos e lanadas, os rosários de bombas, os colares de projéteis, as guirlandas de obuses, em suma, todos os utensílios do artilheiro surpreendiam o olhar por sua impressionante disposição, dando a entender que sua verdadeira finalidade era mais decorativa que mortífera.

No lugar de honra, via-se, protegido por uma esplêndida vitrine, um fragmento de culatra, quebrado e retorcido pelo efeito da pólvora, precioso resquício do canhão de J.-T. Maston.

No fundo da sala, o presidente, assistido por quatro secretários, ocupava uma vasta plataforma. Sua cadeira, pousada numa base esculpida, mostrava no conjunto as formas poderosas de um morteiro de 80 centímetros, assestado num ângulo de 90 graus e suspenso em munhões: assim, o presidente podia imprimir-lhe, como a uma *rocking-chair*<sup>5</sup>, um vaivém bastante agradável nos dias de muito calor. Sobre a mesa – vasta placa de metal sustentada por seis canos de canhão –, via-se um tinteiro elegante, feito de uma bala artisticamente cinzelada, e uma campainha de detonação que soava, quando tocada, como um revólver. No entanto, durante as discussões acaloradas, essa campainha de um novo tipo mal bastava para cobrir a voz daquela legião de artilheiros estrepitosos.

Diante da mesa, bancos dispostos em zigue-zague, como a linha de trincheiras, formavam uma sucessão de baluartes e anteparos onde tomavam assento os membros do Gun Club. Nessa noite, pode-se dizer,



“as muralhas estavam guarnecidas”. Todos conheciam muito bem o presidente para saber que ele não teria incomodado seus colegas sem um motivo sério.

Impey Barbicane era um homem de 40 anos, calmo, frio, austero, de um espírito eminentemente sério e concentrado, pontual como um cronômetro, dotado de temperamento firme a toda prova e de caráter inabalável. Pouco cavalheiresco, mas aventureiro e sempre aplicando ideias práticas a seus empreendimentos mais temerários, era o homem por excelência da Nova Inglaterra, o nortista colonizador, o descendente dos Cabeças Redondas tão funestos aos Stuart e o inimigo implacável dos fidalgos do Sul, esses antigos cavaleiros da mãe-pátria. Em uma palavra, um ianque fundido em um só bloco.

Barbicane tinha feito grande fortuna no comércio de madeira; nomeado diretor de artilharia durante a guerra, mostrou-se fértil em invenções; audacioso em ideias, contribuiu poderosamente para o progresso dessa arma e deu às pesquisas experimentais um impulso incomparável.

Ele era de estatura mediana e – coisa rara no Gun Club – tinha os membros intactos. As feições marcantes pareciam cuidadosamente traçadas a régua e compasso – e, se é verdade que, para adivinhar os instintos de um homem, devemos olhá-lo de perfil, Barbicane, visto assim, ostentava os sinais mais inconfundíveis de energia, audácia e sangue-frio.

Agora, lá estava ele, imóvel em sua poltrona, mudo, absorto, o olhar perdido a distância, abrigado sob seu chapéu de copa alta, esse cilindro de seda preta que parece aparafusado na cabeça dos americanos.

Seus colegas, em volta, tagarelavam barulhentosamente, sem distraí-lo; perguntavam, faziam suposições, observavam o presidente na vã tentativa de desvendar o mistério de sua fisionomia imperturbável.

Quando soaram oito horas no relógio trovejante do salão, Barbicane, como que acionado por uma mola, endireitou-se subitamente; fez-se silêncio geral, e o orador, em tom um tanto enfático, falou nestes termos:

– Bravos colegas, já faz tempo que uma paz infecunda mergulhou os

membros do Gun Club numa ociosidade lamentável. Após uns poucos anos repletos de incidentes, foi preciso interromper nossos trabalhos e parar no meio do caminho do progresso. Não temo proclamar aos quatro ventos: toda guerra que nos pusesse de novo as armas na mão seria bem-vinda...

– Sim, a guerra! – bradou o impetuoso J.-T. Maston.

– Ouçam, ouçam! – gritaram de todos os lados.

– Mas a guerra – prosseguiu Barbicane – é impossível nas circunstâncias atuais. E, apesar das esperanças do honorável colega que me interrompeu, muitos anos se passarão antes de nossos canhões voltarem a troar num campo de batalha. É preciso, então, fazer alguma coisa e procurar em outra ordem de ideias um alimento para a atividade que nos devora!

A assembleia sentiu que seu presidente iria abordar um ponto delicado. Redobrou a atenção.

– Há alguns meses, meus bravos colegas – prosseguiu Barbicane –, perguntei-me se, dentro de nossa especialidade, nós não poderíamos empreender uma grande experiência digna do século XIX e se os progressos da balística não nos permitiriam levar essa experiência a bom termo. Então pesquisei, trabalhei, calculei... e de meus estudos resultou a convicção de que podemos ter êxito em um empreendimento que seria visto como impraticável em qualquer outro país. Esse projeto, longamente elaborado, será o tema de minha comunicação. É digno dos senhores, digno das tradições do Gun Club, e não deixará de fazer barulho pelo mundo todo!

– Bastante barulho? – quis saber um artilheiro apaixonado.

– Sim. E na verdadeira acepção da palavra – garantiu Barbicane.

– Não interrompam! – resmungaram várias vozes.

– Peço-lhes, pois, meus bravos colegas – disse Barbicane –, toda a sua atenção.

A assembleia estremeceu. Barbicane, ajeitando o chapéu com um gesto rápido, continuou com voz calma:

– Não há aqui ninguém, bravos colegas, que já não tenha visto a lua ou,



pelo menos, ouvido falar dela. E não se espantem se venho entretê-los com o astro das noites. Talvez nos esteja reservado sermos os Colombos desse mundo desconhecido. Compreendam-me, ajudem-me com todas as suas forças e eu os conduzirei à sua conquista, acrescentando--o aos trinta e seis Estados que formam esta grande União!

– Viva a lua! – gritou o Gun Club a uma só voz.

– Já se estudou muito a lua – prosseguiu Barbicane. – Sua massa, sua densidade, seu peso, seu volume, sua constituição, seus movimentos, sua distância, sua função no sistema solar, tudo isso está perfeitamente determinado. Fizeram-se mapas selenográficos<sup>6</sup> com uma perfeição que iguala, se não supera, os terrestres. A fotografia deu, de nosso satélite, provas de uma incomparável beleza. Ou seja, sabemos da lua tudo que as ciências matemáticas, a astronomia, a geologia e a óptica podem ensinar. Mas, até hoje, não estabelecemos comunicação direta com ela.

Um movimento incontido de interesse e surpresa acolheu essas palavras firmes.

– Permitam-me – continuou o presidente – lembrar-lhes de passagem que alguns espíritos ardorosos, empreendendo viagens imaginárias, pretenderam ter penetrado os segredos de nosso satélite. No século XVII, um certo David Fabricius se gabou de haver visto com seus próprios olhos os habitantes da lua. Em 1649, um francês, Jean Baudoin, publicou *Viagem ao mundo da lua feita por Dominguez González*, aventureiro espanhol. Pela mesma época, Cyrano de Bergerac escreveu sobre uma expedição que ficou célebre na França. Mais tarde, outro francês – essa gente se ocupa muito da lua –, chamado Fontenelle, publicou *Pluralidade dos mundos*, obra-prima em seu tempo. Mas a ciência, avançando, esmaga até as obras-primas! Em 1835, um opúsculo traduzido do *New York American* relatou que Sir John Herschell, enviado ao Cabo da Boa Esperança para aí realizar estudos astronômicos, conseguiu, com um telescópio de iluminação interna, trazer a lua a uma distância de cerca de 70 metros! Avistou então, distintamente, cavernas onde viviam hipopótamos, montanhas verdes rendadas de ouro, carneiros com chifres de marfim, cabritos brancos e habitantes com asas membranosas como as



dos morcegos. Essa brochura, redigida por um americano chamado Locke<sup>7</sup>, obteve enorme sucesso. Mas logo se viu que era uma mistificação científica, e os franceses foram os primeiros a rir dela.

– Rir de um americano! – esbravejou J.-T. Maston. – Eis aí um *casus belli*!

– Acalme-se, meu digno amigo. Os franceses, antes de rir, tinham sido completamente enganados por nosso compatriota. Para terminar este rápido resumo histórico, acrescentarei que um tal Hans Pfaal, de Roterdã, em seu balão cheio de um gás derivado do azoto e trinta e sete vezes mais leve que o hidrogênio, alcançou a lua após dezenove dias de jornada. Essa viagem, como as anteriores, era puramente imaginária, mas da lavra de um escritor muito conhecido na América, um gênio estranho e contemplativo. Falo de Edgar Allan Poe!

– Viva Edgar Allan Poe! – bradou a assembleia, eletrizada pelas palavras de seu presidente.

– Nada mais direi – prosseguiu Barbicane – dessas tentativas que chamo de meramente literárias e que não bastam para estabelecer relações sérias com o astro das noites. Devo, entretanto, acrescentar que alguns espíritos práticos tentaram pôr-se em comunicação real com ele. Por exemplo, há alguns anos, um geômetra alemão sugeriu o envio de uma comissão de cientistas às estepes da Sibéria. Naquelas vastas planícies, deveriam traçar imensas figuras geométricas, desenhadas por meio de refletores luminosos, entre outras o quadrado da hipotenusa, vulgarmente chamado de “mata-burros” pelos franceses. “Qualquer ser dotado de inteligência”, assegurava o geômetra, “compreenderá o objetivo científico dessa figura. Os selenitas, caso existam, responderão com uma figura semelhante e, uma vez estabelecida a comunicação, será fácil inventar um alfabeto que nos permita conversar com eles.” Era o que dizia o geômetra alemão, mas seu projeto não foi concretizado e, até hoje, nenhum vínculo direto se estabeleceu entre a Terra e seu satélite. Está, porém, reservado ao gênio prático dos americanos entrar em contato com o mundo sideral. O meio para isso é simples, fácil, certo, infalível. Será o objeto de minha proposta.



Um barulho ensurdecedor, uma tempestade de exclamações acolheu essas palavras. Os assistentes estavam dominados, arrebatados, enleados pela fala do orador.

– Ouçam! Ouçam! Silêncio! – gritava-se pelo salão.

Acalmada a balbúrdia, Barbicane retomou, em tom mais grave, o discurso interrompido:

– Sabem que a balística progrediu muito em poucos anos e que as armas de fogo alcançariam alto grau de perfeição se a guerra não houvesse terminado. Sabem também que, de modo geral, a força de resistência dos canhões e o poder de expansão da pólvora são ilimitados. Pois bem! Partindo desse princípio, perguntei-me se, com um aparelho suficiente, feito em determinadas condições de resistência, não seria possível enviar uma bala à lua.

A essas palavras, um “oh” de estupefação escapou de mil peitos ofegantes; em seguida, fez-se um momento de silêncio, parecido à calma profunda que precede a tempestade. E, com efeito, a tempestade desabou, mas uma tempestade de aplausos, gritos, clamores. O salão tremeu. O presidente queria falar e não conseguia. Só ao fim de dez minutos é que logrou se fazer ouvir.

– Permitam-me terminar – prosseguiu ele, com frieza. – Abordei a questão por todos os ângulos, resolutamente, e meus cálculos indiscutíveis deixaram claro que um projétil com velocidade inicial de onze mil metros por segundo, dirigido para a lua, chegará necessariamente até lá. Tenho, pois, a honra de lhes propor, meus bravos colegas, que tentemos essa pequena experiência!

Governo pessoal. (N.O.)

Administradores da cidade eleitos pela população. (N.O.)

Cadeiras de balanço em uso nos Estados Unidos. (N.O.)

Da palavra grega *selene*, que significa lua. (N.O.)

Essa brochura foi publicada na França pelo republicano Laviron, morto no cerco de Roma em 1849. (N.O.)



# Efeito da comunicação de Barbicane

É impossível descrever o efeito produzido pelas últimas palavras do honorável presidente. Que gritos! Que vociferações! Que sucessão de rugidos, de hurras, “hip, hip!”, de todas as onomatopeias que pululam na língua americana! Era uma balbúrdia, um vozerio indescritível! As bocas gritavam, as mãos batiam, os pés faziam estremecer o pavimento. Todas as armas daquele museu de artilharia, disparando ao mesmo tempo, não teriam agitado mais violentamente as ondas sonoras. Isso não chega a surpreender. Há artilheiros quase tão ruidosos quanto seus canhões.

Barbicane permanecia calmo em meio àquelas manifestações de entusiasmo. Talvez ainda quisesse dizer mais algumas palavras aos colegas, pois seus gestos reclamavam silêncio e sua campanha fulminante emitia violentas detonações. Mas ninguém o escutava. Logo foi arrancado da poltrona, carregado em triunfo – e, das mãos de seus fiéis companheiros, passou para os braços de uma multidão não menos excitada.

Nada detém um americano. Já se repetiu que a palavra “impossível” não é francesa: evidentemente, alguém se enganou de dicionário. Na América, tudo é fácil, tudo é simples, de modo que as dificuldades mecânicas morrem antes de nascer. Entre o projeto de Barbicane e sua realização, nenhum ianque se permitiria entrever nem uma sombra



sequer de dificuldade. O que é dito é feito.

O desfile triunfal do presidente se prolongou pela noite. Uma verdadeira marcha à luz de tochas. Irlandeses, alemães, franceses, escoceses, todos esses indivíduos heterogêneos que compõem a população de Maryland gritavam em sua língua materna, e os vivas, os hurras, os bravos se mesclavam numa alacridade indescritível.

Pontualmente, como se soubesse que falavam dela, a lua refulgiu com uma serena magnificência, eclipsando com sua irradiação feérica as luzes da cidade. Todos os ianques miravam aquele disco cintilante; uns a saudavam com um aceno de mão, outros a chamavam pelos nomes mais carinhosos; uns a mediam com o olhar, outros a ameaçavam com o punho. Das oito horas à meia-noite, uma óptica da Jone's Fall Street fez fortuna vendendo lunetas. A lua era minuciosamente examinada como se fosse uma senhora da alta roda. Os americanos a encaravam com o espírito de proprietários: a loura Febe pertencia a esses audaciosos conquistadores e já fazia parte do território da União. No entanto, tratava-se de enviar-lhe um balaço, maneira um tanto brutal de travar relações, mesmo com um satélite, mas muito em uso nas nações civilizadas.

Acabava de soar meia-noite e o entusiasmo não arrefecia, mantendo-se no mesmo nível em todas as classes da população. O magistrado, o cientista, o comerciante, o vendedor, o carregador, os homens inteligentes tanto quanto os “verdes”<sup>8</sup> sentiam-se tocados até a última fibra, pois tratava-se de um empreendimento nacional. Assim, a cidade alta, a cidade baixa, os embarcadouros banhados pelas águas do Patapsco e os navios ancorados tinham sido invadidos por uma multidão ébria de alegria, de gim e de uísque. Todos conversavam, argumentavam, discutiam, altercavam, aprovavam, aplaudiam, desde os cavalheiros pachorrentamente estendidos nos canapés dos *bar-rooms*, diante de seu copo de *sherry-cobbler*<sup>9</sup>, até o barqueiro que se intoxicava de “arrebenta-peito”<sup>10</sup> nas lúgubres tabernas do Fells-Point.

Só por volta das duas horas a emoção se acalmou. O presidente Barbicane conseguiu voltar para casa, alquebrado, esmagado, moído. Um

*image  
not  
available*



pelas sociedades científicas, literárias ou religiosas enfatizaram suas vantagens. A Sociedade de História Natural, de Boston, a Sociedade Americana de Ciências e Artes, de Albany, a Sociedade Geográfica e Estatística, de Nova Iorque, a Sociedade Filosófica Americana, da Filadélfia, o Instituto Smithsonian, de Washington, enviaram em mil cartas suas felicitações ao Gun Club, com ofertas imediatas de serviço e dinheiro.

Podemos dizer, sem exagero, que jamais uma proposta reuniu tantos adeptos; estavam fora de questão as hesitações, as dúvidas, os receios. Quanto às ironias, às caricaturas, às cançonetas que acolheriam na Europa, e particularmente na França, a ideia de mandar um projétil à lua, teriam se voltado contra seus autores: todos os *lifepreservers*<sup>12</sup> seriam impotentes para defendê-los contra a indignação geral. Há coisas de que não se ri no Novo Mundo. Impey Barbicane tornou-se então, a partir desse dia, um dos maiores cidadãos dos Estados Unidos, algo como o Washington da ciência – e um detalhe entre muitos mostrará até onde ia essa admiração de todo um povo a um homem.

Alguns dias após a famosa sessão do Gun Club, o diretor de uma companhia inglesa anunciou no teatro de Baltimore a representação de *Muito barulho por nada*, uma das comédias de Shakespeare. Mas o povo da cidade, vendo nesse título uma alusão desabonadora aos projetos do presidente Barbicane, invadiu a sala, quebrou as cadeiras e obrigou o infeliz diretor a mudar o programa. Esse diretor, homem de espírito, submeteu-se à vontade pública e substituiu a malfadada comédia por *Do jeito que você gosta*. Durante semanas, o lucro foi fenomenal.

Expressão bem americana para designar pessoas tolas. (N.O.)

Mistura de rum, suco de laranja, açúcar, canela e noz-moscada. De cor amarelada, bebe-se com um canudinho de vidro. *Bar-rooms* é uma espécie de café. (N.O.)

Bebida assustadora dos pobres. Literalmente, *thorough knock me down*. (N.O.)

Nome poético de Nova Orleans. (N.O.)

Arma de bolso feita de uma haste flexível e de uma bola de metal. (N.O.)

*image  
not  
available*





# O que não é possível ignorar e o que não é mais permitido aceitar nos Estados Unidos

A proposta de Barbicane teve por resultado imediato trazer para a ordem do dia todos os fatos astronômicos relativos ao astro das noites. Cada qual se pôs a estudá-lo assiduamente. Era como se a lua surgisse pela primeira vez no horizonte e ninguém jamais a tivesse visto no céu. Entrou na moda; foi a “estrela” do momento, sem parecer mais modesta, e tomou lugar entre as “divas”, sem mostrar menos vaidade. Os jornais ressuscitaram velhas anedotas nas quais o “Sol dos lobos” desempenhava um papel; lembraram as influências que a ignorância das eras antigas lhe emprestava; cantaram-na em todos os tons; um pouco mais e reproduziriam seus ditos espirituosos. Em suma, a América inteira foi contaminada pela selenomania.

De seu lado, as revistas científicas abordaram mais especificamente as questões relativas ao empreendimento do Gun Club. A carta do Observatório de Cambridge foi por elas publicada, comentada e aprovada sem reservas.

Logo se proibiu tacitamente, até ao menos letrado dos ianques, ignorar um só dos fatos relativos a seu satélite – e, à mais teimosa das matronas,



# Um inimigo em vinte e cinco milhões de amigos

O público americano se interessava vivamente pelos mais insignificantes detalhes do empreendimento do Gun Club. Acompanhava dia a dia as discussões do comitê. Os mais simples preparativos dessa grande experiência, as questões matemáticas que ela suscitava, as dificuldades mecânicas a resolver, em suma, sua “realização”, eis o que o apaixonava no mais alto grau.

Mais de um ano decorreria entre o começo dos trabalhos e sua conclusão. Contudo, esse lapso de tempo não ficaria vazio de emoções: o local a ser escolhido para a perfuração, a construção do molde, a fundição da Columbiad, seu carregamento perigosíssimo, tudo isso era mais que o necessário para excitar a curiosidade pública. O projétil, uma vez lançado, escaparia aos olhares em alguns décimos de segundo; o que seria dele, como se comportaria no espaço, de que modo chegaria à lua, isso só um pequeno número de privilegiados veria com seus próprios olhos. Portanto, os preparativos da experiência e os detalhes precisos da execução é que constituíam no momento o verdadeiro interesse.

Porém, o atrativo puramente científico do empreendimento foi, de maneira inesperada, ofuscado por um incidente.

Sabe-se quão numerosas foram as legiões de admiradores e amigos que o projeto de Barbicane havia reunido à sua volta. No entanto, por mais





## Urbi et Orbi

Resolvidas as dificuldades astronômicas, mecânicas e topográficas, levantou-se a questão do dinheiro. Era preciso amear uma soma enorme para a execução do projeto, e nenhum particular ou mesmo Estado poderia dispor dos milhões necessários.

O presidente Barbicane tomou então o partido, embora o empreendimento fosse americano, de transformá-lo em objeto de interesse universal e pedir a cada povo sua cooperação financeira. Era ao mesmo tempo direito e dever da Terra inteira interferir nos negócios de seu satélite. A subscrição, aberta com essa finalidade, estendeu-se de Baltimore para o mundo, *urbi et orbi*.

E ela superou as expectativas, embora se tratasse de doações e não de empréstimos. A operação era puramente desinteressada no sentido literal da palavra e não oferecia nenhuma possibilidade de lucro.

A comunicação de Barbicane não se deteve nas fronteiras dos Estados Unidos. Cruzou o Atlântico e o Pacífico, invadiu ao mesmo tempo a Ásia e a Europa, a África e a Oceania. Os observatórios da União se puseram imediatamente em contato com seus congêneres dos países estrangeiros. Os de Paris, São Petersburgo, Cidade do Cabo, Berlim, Altona, Estocolmo, Varsóvia, Hamburgo, Bude, Bolonha, Malta, Lisboa, Benares, Madras e Pequim enviaram seus cumprimentos ao Gun Club. Os outros preferiram se ater a uma expectativa prudente.

Já o observatório de Greenwich, apoiado por outros vinte e dois



## Enxada e pá

Naquela mesma noite, Barbicane e seus companheiros voltaram para Tampa-Town e o engenheiro Murchison reembarcou no *Tampico* para Nova Orleans. Deveria recrutar um exército de operários e adquirir a maior parte do material. Os membros do Gun Club permaneceram em Tampa-Town a fim de organizar os primeiros trabalhos com a ajuda dos moradores da região.

Oito dias após sua partida, o *Tampico* entrou novamente na Baía do Espírito Santo com uma flotilha de barcos a vapor. Murchison havia reunido mil e quinhentos trabalhadores. Nos maus tempos da escravidão, ele teria perdido seu tempo e seu esforço. Mas desde que a América, terra da liberdade, só contava com homens livres em seu seio, estes corriam para qualquer lugar onde se precisasse de uma mão de obra generosamente remunerada. Ora, dinheiro era o que não faltava ao Gun Club; ele oferecia a seus homens bons salários, com gratificações consideráveis e proporcionais. O operário contratado para a Flórida podia contar, finda a obra, com um capital depositado em seu nome no Banco de Baltimore. Murchison só teve, pois, o embaraço da escolha e mostrou-se exigente quanto à inteligência e à habilidade dos trabalhadores. É de crer que arrebanhasse em sua laboriosa legião a elite dos mecânicos, foguistas, fundidores, caldeireiros, mineiros, oleiros e ajudantes de todo gênero, pretos ou brancos, sem distinção de cor. Muitos levavam suas famílias. Era uma verdadeira emigração.